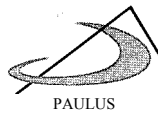


JOHN BRIGHT

HISTÓRIA DE ISRAEL

7ª edição, revista e ampliada
a partir da 4ª edição original.

Introdução e apêndice
WILLIAM P. BROWN



B. O AMBIENTE HISTÓRICO DAS NARRATIVAS PATRIARCAIS

1. Os Patriarcas no contexto da primeira metade do segundo milénio

Quando as tradições são examinadas à luz da evidência, a primeira afirmação a ser feita é a que já foi sugerida, isto é, que a história dos patriarcas enquadra-se autenticamente no ambiente do segundo milénio, especificamente no ambiente dos séculos descritos no capítulo precedente, e não no ambiente de qualquer outro período posterior. Isso pode ser registrado como um fato histórico. A evidência é tão grande que não temos nenhuma necessidade de reconsiderarmos o assunto.¹⁷

a. *Os primitivos nomes hebraicos no contexto do segundo milénio.* Primeiramente, os nomes que aparecem nas narrativas patriarcais enquadram-se perfeitamente numa classe que sabemos que foi corrente tanto na Mesopotâmia como na Palestina no segundo milénio, especificamente entre o elemento amorita da população.¹⁸ Por exemplo, os nomes dos próprios patriarcas:

"Jacó" ocorre num texto do século dezoito de Chagar-bazar na Alta Mesopotâmia (Ya'qub-el) como o nome de um chefe hicsu (Ya'qub-'al) e como um topónimo palestino numa lista do século quinze de Thutmosis III. Nomes com os mesmos radicais são também encontrados numa lista egípcia do décimo oitavo século, em Mari, e em outras partes. O nome "Abraão" aparece em textos babilónios da Primeira Dinastia e possivelmente nos textos das Execrações,¹⁹ enquanto nomes contendo os mesmos componentes são novamente encontrados em Mari. Embora não apareça o nome "Isaac", nem encontremos o nome "José", ambos são de um tipo caracteristicamente antigo. Além disso, "Nacor" ocorre nos textos de Mari como o nome de uma

"Cf. Albright, *Y6C*, pp. 47-95; também BA XXXVI, 1973, pp. 5-33; H. H. Rowley, "Recent Discovery and the Patriarchal Age" (*The Servant of the Lord and Other Essays*, Oxford: Blackwell, 1965, pp. 283-318; Wright, *BAR*, cap. III; A. Parrot, *Abraham and His Times*, 1962. Fortress Press, 1968; H. Cazelles, "Patriarches" (H. Cazelles e A. Feuillet, eds., *Supplément au Dictionnaire de la Bible*, vol. VII, Fasc. XXXVI [Paris: Letouzey et Ané, 196]), cols. 81-156; R. de Vaux, *EHI*, I, Part. I. "The Patriarchal Traditions".

"Veja W. F. Albright, "Northwest-Semitic Names in a List of Egyptian Slaves from the Eighteenth Century B. C.", *IAOS*, 74 (1954), pp. 222-233; M. Noth, *Die israelitischen Personennamen im Rahmen der gemeinsemitischen Namengebung*, BWANT, 111:10 (1928);

idem, *ZDPV*, 65 (1942), pp. 9-67 (também pp. 144-164); *idem*, "Mari and Israel" (*Geschichte und Alles Testament*, G. Ebeling, ed., J.-C. B. Mohr, Tubinga, 1953, pp. 127-152); *idem*, *JSS*, I (1956), pp. 322-333. E veja agora a importante obra de H. B. Huffmonn, *Amorite Personal Names in the Mari Texts* (The Johns Hopkins Press, 1965).

"Cf. Albright, *BASOR*, 83 (1941), p. 34; 88 (1942), p. 36; *JBL*, LI V (1935), pp. 193-203.

cidade (Nakhur) nas proximidades de Harã (cf. Gn 24,10). Os textos assírios posteriores (os quais conheciam "Nakhur" como "Til-nakhiri") também apresentam uma "Til-turakhi" (Terah) e uma "Sarugi" (Serug). Dos nomes dos filhos de Jacó, "Benjamim" aparece nos textos de Mari como uma grande confederação de tribos. O nome "Zabulon" ocorre nos Textos das Execrações, como os nomes que têm as mesmas raízes que os de Gad e Da são conhecidos em Mari. "Ismael" e talvez "Levi" ocorrem em Mari, e nomes afins de "Aser" e "Issacar" são encontrados numa lista egípcia do décimo oitavo século.²⁰

A isto deve ser adicionado os textos ainda mais antigos de Ebla, onde — como nos foi dito²¹ — numerosos nomes próprios da Bíblia que nos são familiares são encontrados: Abrão, Eber (cf. Gn 10,21ss; 11,14ss), Ismael, Esaú, Saul, Davi, Israel e outros. Da mesma forma é mencionado que as cidades trazem nomes de vários antepassados de Israel (cf. Gn 11,10-26):

Phaliga (Peleg), Sarugi (Serug), Til-turaki (Terá), Nakur (Nacor) e Harã.

É certo que em nenhum destes casos nós provavelmente nem mesmo tenhamos uma citação dos patriarcas bíblicos. Mas a profusão de tais nomes em textos contemporâneos demonstra claramente que a Alta Mesopotâmia e o norte da Síria continham de fato uma população parecida com os antepassados de Israel na Idade do Bronze média e séculos antes. Ambos reforçam as crenças na antiguidade da tradição e adiciona verossimilhança às asserções da Bíblia que os antepassados de Israel tinham migrado desta área. O fato de que exemplos de alguns destes nomes podem ser encontrados em textos desde o primeiro milênio não muda essa impressão. Os nomes são de tipo primitivo e não são certamente característicos da nomenclatura israelita tardia. Realmente em alguns casos seu significado aparentemente não é mais compreendido pêlos escritores bíblicos, os quais repetidamente tinham se utilizado de etimologias populares para explicá-los.²² Nenhum dos nomes dos patriarcas e pouco dos nomes a eles relacionados ocorreram como nomes próprios novamente em Israel durante o período bíblico. Assim, as narrativas patriarcais por esta razão são muito autênticas.

b. Costumes patriarcais no contexto do segundo milênio. Numerosos incidentes das narrativas do Génesis encontram explicação à luz dos costumes vigentes no segundo milênio. Os textos de Nuzi, que refletem a lei consue-

²⁰Cf. Albright, *JAÓS*, 74 (1954), pp. 227-231. "Jó" também ocorre nesta lista, nos Textos das Execrações, e alhures. ²¹U. G. Pettinato, *BA*, XXXIX, 1976, pp. 42-52; D. N. Freedman, *BA* XL, 1977, pp. 2-4; P. C. Maloney, *BARev.* IV, 1978, pp. 4-10. Mas conforme a advertência dada no prólogo, p. 38 e na nota 29. ²²Cf. de Vaux, *fHd*, pp. ^ss.

tudinária de uma população predominantemente humana na região oriental do Tigre no décimo quinto século, são de modo particular de grande utilidade aqui. Embora eles remontem ao fim da idade patriarcal, e provenham de uma região em que os patriarcas hebreus nunca peregrinaram, sem a menor dúvida eles encerram uma tradição legal que era muito mais difundida e muito mais antiga. Deve-se também lembrar que até o décimo oitavo século a população semítica da parte superior do Crescente Fértil estava muito misturada com os hurrianos e que alguns séculos mais tarde os hurrianos eram ali o elemento predominante. Seria realmente surpreendente que seus costumes não fossem conhecidos da população "amorita" daquela área — de quem eles podem ter recebido alguns deles. De qualquer modo, os textos de Nuzi projetam luz sobre numerosos incidentes, de outro modo inexplicáveis.²³ Por exemplo, o medo de Abraão (Gn 15,1-4) de que seu servo Eliezer fosse seu herdeiro se entende à luz da adoção do escravo como era praticada em Nuzi. Os casais sem filhos adotavam um filho que os servia durante toda a vida e seria seu herdeiro depois da morte. Mas se nascesse um filho natural, o filho adotivo tinha de ceder seu direito à herança. Há também o caso de Sara, que deu sua escrava Agar a Abraão como concubina (Gn 16,1-4). Com efeito, em Nuzi o contrato matrimonial obrigava a mulher, se não tivesse filhos, a providenciar uma substituta para seu marido. Se nascesse um filho dessa união, ficava proibida a expulsão da esposa-escrava e de seu filho — isso explica a relutância de Abraão em despedir Agar e Ismael (Gn 21,10ss). No caso das histórias entre Labão e Jacó, os textos de Nuzi projetam uma luz especial. A adoção de Jacó por Labão, a condição que lhe foi imposta de não tomar outras mulheres além das filhas de Labão (Gn 31,50), o ressentimento de Lia e Raquel contra Labão (Gn 31,14ss) e, finalmente o roubo, feito por Raquel, dos deuses de Labão,²⁴ são todos costumes paralelos aos de Nuzi. E poderíamos acrescentar novas ilustrações.

Tais paralelos não se limitam aos textos de Nuzi, porque há também evidências de que eram vigentes costumes parecidos com relação a casamento, adoção, herança e semelhantes em várias partes do Crescente Fértil no segundo milênio. Por exemplo, um contrato de casamento do décimo quinto século de Alalakh, no norte da Síria (onde a população foi durante muito

²³Além das obras relacionadas na nota 17, cf. C. H. Gordon, *Biblical Customs and the Nua Tablets*, BA, III (1940), pp. 1-12; *idem*, *The Word of the Old Testament*, Doubleday, 1958, pp. 113-133; R. T. O'callaghan, CBQVI (1944), pp. 391-405; e especialmente E. A. Speiser, *Gênesis* (AB, 1964), *passim*, onde se discutem uns vinte paralelos.

²⁴O significado da posse dos deuses é disputado. Ele provavelmente não liga o título à herança (assim Speiser, *op. cit.*, pp. 250ss; Anne E. Darffkorn, *JBL*, LXXVI, 1957, pp. 391-405); mas pode ter se constituído num apelo para a liderança na família; cf. M. Greenberg, *IBL*, LXXXI, 1962, pp. 239-248. Os deuses certamente tinham alguma importância além do seu valor intrínseco, pois Labão parecia mais tocado com a perda deles do que com a perda de sua propriedade e de suas filhas.

tempo hurriana), indica que o pai podia desdenhar a lei da primogenitura e designar o filho que seria o "primogénito". Aqui o marido estipula que se sua mulher não lhe der filho, sua sobrinha (não uma escrava) lhe deverá ser dada em casamento, mas que o filho da primeira mulher, se depois ela tiver um filho, seria o "primogénito", mesmo se ele tivesse outros filhos antes de sua outra mulher (ou de suas outras mulheres). Aqui vem novamente à baila o incidente de Sara e Agar, mencionado acima. Mas devemos lembrar- nos também do modo como Jacó escolheu Efraim como "primogénito", em vez do filho mais velho de José, Manassés (Gn 48,8-20) e repudiou seu próprio primogénito, Rúben, em favor de José, o filho de sua mulher favorita, Raquel (Gn 48,22; 49,3ss; cf. ICr 5,1ss).²⁵ Esta prática, que parece ter sido muito difundida na idade patriarcal, foi explicitamente proibida por uma lei israelita posterior (Dt 21,15-17). Poderíamos também acrescentar mais ilustrações, porém não temos espaço para tanto .

A força destes paralelos e de outros que poderiam ser mencionados não deve ser minimizada. Por si mesmos eles não provam que as tradições patriarcais alcançam o segundo milénio, menos ainda nos permitem fixar os patriarcas em nenhum século específico. Os paralelos são, de fato, de valor desigual. Em alguns casos eles estão bem próximos e marcantes, em outros eles são menos exatos do que suposto, enquanto em outros casos paralelos melhores foram encontrados em séculos tardios.²⁶ Alguém poderia argumentar que os costumes praticados numa área tão vasta, e durante séculos, com apenas algumas mudanças graduais, poderiam ter colorido as tradições patriarcais numa data relativamente tardia e não necessitam, portanto, de apresentar características genuinamente arcaicas transmitidas de um passado distante.²⁷ Mesmo que estes paralelos fossem aceitos como válidos, eles não comprovam a antiguidade das tradições patriarcais e de maneira nenhuma contradizem as tradições, mas quando tomada com outras evidências, a tendência é apoiá-las. De qualquer modo, é fato que os únicos paralelos bíblicos próximos a esses costumes são encontrados nas histórias dos patriarcas, e não naquelas sobre os tempos recentes. Além disso, estes costumes não aparecem na lei israelita tardia; a significação de muitos deles parece que não foi mais entendida no décimo século, quando a narração do Pentateuco foi escrita pela primeira vez. (Note-se, por exemplo, como a história do Génesis, capítulo 31, apresenta somente o lado burlesco do roubo de Raquel e o

²⁵Cf. I. Mendelsohn, *BASOR*, 156,1959, pp. 38-40; D. J. Wiseman, *AOTS*, pp. 127ss. ²⁶Veja as advertências e avaliações equilibradas de deVaux, *EHI*, pp. 241-256. ²⁷Veja especialmente os trabalhos de Van Seters e Thompson citados na nota 12.

escondimento dos deuses de Labão, e parece totalmente inconsciente dos aspectos legais do incidente). Somos forçados a concluir que as narrativas patriarcais refletem autenticamente os costumes sociais domésticos vigentes no segundo milênio.

c. *As Peregrinações dos Patriarcas e seu modo de vida no contexto do Segundo Milênio.* Além do que dissemos acima, é evidente agora para nós que o modo de vida dos patriarcas e a natureza de suas peregrinações como são descritas no Génesis, enquadram-se perfeitamente no meio cultural e político dos começos do segundo milênio.

Com efeito, os patriarcas são descritos como seminômades que viviam em tendas, vagueando para cima e para baixo na Palestina e terras limítrofes, à procura de pastagens para os seus rebanhos e, ocasionalmente demorando um pouco mais na Mesopotâmia e no Egito. Não eram eles verdadeiros beduínos. Não vagueavam pelo deserto, nem sequer se aventuravam dentro dele, a não ser seguindo os caminhos onde era disponível uma quantidade conveniente de água, como, por exemplo, o caminho do Egito. Eles frequentemente acampavam próximo das cidades e, durante a maior parte do tempo parecem ter usufruído de um relacionamento pacífico com o povo da cidade; ocasionalmente eles ficaram durante tempo suficiente para o cultivo da terra, pelo menos de uma maneira limitada (Gn 26,12). Mas eles não se estabeleceram (exceto Ló) permanentemente em cidades nem se integraram com a população urbana, e eles não eram proprietários de nenhuma terra exceto de terrenos modestos comprados para enterrar seus mortos (Gn 23; 33,19; 50,5). Em resumo, eles são descritos não como nômades como aqueles dos tempos antigos e de hoje, mas como criadores seminômades de ovelhas e outros pequenos ruminantes, o principal deles era o asno e que eles limitavam suas andanças às terras colonizadas e suas fronteiras, onde a pastagem sazonal poderia ser encontrada. As únicas referências a camelo (por exemplo, Gn 12,16; 24) parece que não passam de toques anacrônicos introduzidos para tornar as narrativas mais vivas para os futuros ouvintes;²⁸ nômades verdadeiros com camelos não aparecem nas narrações do Génesis.

E assim é que deveria ser. Embora os camelos fossem conhecidos de longa data, desde os tempos mais primitivos, e os casos isolados de sua domesticação poderia, portanto, ter ocorrido em qualquer período (é prová-

²⁸Apesar das objeções de alguns (por exemplo, I. P. Free, *JNES*, III [1944], pp. 187-193; recentemente, Kitchen. *op. dl.*, pp. 79ss), parece que não existe menção certa de camelo domesticado nos textos deste período; cf. W. G. Lambert, *BASOR*, 160 (1960), p. 42ss. Sobre a domesticação de camelos, d. R. Walz, *ZDMG*, 101 (1951), pp. 29-51; *ibid.*, 104 (1954), pp. 45-87; Albright, *YGC*, pp. 62-64, 156; *idem*, 'Midianite Donkey Caravans' (H.T. Frank and W. L. Reed eds., *Translating and Understanding the Old Testament*, Abingdon Press. 1970, pp. 197-205, especialmente pp. 201ss).

vel que os nômades tenham mantido rebanhos de camelos em estado semi-selvagem, para lhes dar o leite, o couro e as peles), parece que a domesticação real do animal, como animal de carga e meio de transporte, se deu entre o décimo quinto século e o décimo terceiro, no interior da Arábia. Os nômades que peregrinavam em camelos só aparecem na Bíblia nos dias de Gedeão (Jz do capítulo 6 ao capítulo 8). Os nômades pastores do segundo milênio não são considerados como chegando em ondas do deserto, incessantemente invadindo a terra habitada e incomodando os moradores. Ao contrário, os pastores e os agricultores rurais normalmente viviam juntos como dois segmentos de uma sociedade dimórfica; a ocupação de um complementando a do outro.²⁹ O movimento entre os grupos era frequente, com a mesma população muitas vezes encontrada em ambos. Embora isso pudesse existir, o conflito era menos entre os pastores e os aldeões do que entre ambos e a autoridade central dos senhores das cidades. Eles eram, antes, criadores seminômades, como conhecemos da História de Sinuhe (vigésimo século) ou dos textos de Mari — em que não há menção ao camelo, e onde os contratos e tratados eram sempre firmados com a morte de um asno.³⁰ De fato, os textos de Mari provavelmente nos fornecem a analogia mais útil a respeito de como a vida nômade dos patriarcas foi seguida.³¹ A aparência dos patriarcas seria muito semelhante à desses seminômades — vestidos com roupas multicoloridas, deslocando-se a pé com todos os seus pertences e filhos em lombo de asnos — que vemos pintados na parede de um túmulo do décimo século em Beni-Hasan, no Egito.³²

As jornadas dos patriarcas, também, concordam bastante com a situação dos começos do segundo milênio. Há, naturalmente, alguns anacronismos, como, por exemplo, a menção de Da em Gênesis 14,14 (cf. Jz 18,29) e dos filisteus (Gn 21,32-34; 26) embora houvesse contatos com as terras egípcias durante todo este período, os filisteus chegaram muito mais tarde). Podia-se esperar que histórias transmitidas através de séculos fossem enfeitadas com toques modernos, com o correr do tempo. Entretanto, o quadro total permanece autêntico. A facilidade com que os patriarcas se deslocam da Meso-potâmia para a Palestina e vice-versa, concorda muito bem com a situação conhecida dos textos de Mari, que mostram que a comunicação livre, total-

²⁹Veja especialmente N. K. Gottwald, "Were the Early Israelites Pastoral Nomads?" (J. J. Jackson e M. Kessler, eds., *Rhetorical Criticism: Essays in Honor of James Muilenburg* (Pittsburg: Pickwick Press, 1974), pp. 223-255; *idem*, *BAR*, IV, 1978, pp. 2-7, -W. G. Cever, *UH*, pp. 102-120 (onde se encontra bibliografia adicional).

³⁰Cf. F. M. Cross, *Canaanite Myth and Hebrew Epic*, pp. 265ss. O povo de Siquém era chamado de *bene lamor* "filhos do asno" — i.e. da aliança -; seu deus era *Baal berith* ("Senhor da aliança"): d. Gn 34; Js 24,32; Jz 9,4.

³¹Cf. Dever, *ibid.*, e especialmente os trabalhos de J. R. Kupper e A. Malamat lá listados.

³²Cf. P^{itcha}d. / / v?, placa 3.

mente desimpedida de qualquer barreira, era possível em todas as partes do Crescente Fértil. As jornadas dos patriarcas na Palestina enquadram-se perfeitamente na situação dos Textos das Execrações, quando a terra, sob um domínio fraco ou sob nenhum domínio do Egito, era muito pouco povoada (sobretudo nas montanhas do centro e do norte). O quadro Beni-Hasan ilustra a facilidade com que os grupos poderiam ter-se deslocado da Ásia para o Egito, e a História de Sinuhe mostra a facilidade de comunicação entre o Egito e a Palestina e a Síria.

Até os detalhes das peregrinações dos patriarcas têm um sabor de autenticidade. Com efeito, os patriarcas são pintados como vagueando na cadeia de montanhas do centro da Palestina, da área de Siquém para o sul até Negueb, e passando pelo Negueb, até o oriente do Jordão. Mas eles não vagueiam no norte da Palestina, no vale do Jordão, na planície de Esdrelon, ou (salvo bem no sul) na planície costeira. Isso concorda com a situação da Palestina sob o Médio Império, como a conhecemos pela arqueologia e pelos Textos das Execrações. A cadeia de montanha central era na época muito pouco povoada;

a maior parte era coberta de florestas (cf. Js 17,18), mas com áreas próprias para pastagens, onde os nômades poderiam fazer pastar os seus rebanhos. Os patriarcas deslocaram-se onde os pastores podem ser esperados ter-se deslocados no segundo milênio, mas via de regra não onde se poderia esperar encontrá-los, diga-se nos dias da monarquia. Podemos ainda acrescentar que, tanto quanto já foi verificado, as cidades mencionadas nas histórias patriarcais — Siquém, Betei, Jerusalém, Hebron — existiam realmente na Idade do Bronze média.³³ Nesse sentido, as histórias não são anacrônicas.

Naturalmente, nada do que foi dito constitui prova de que as narrativas patriarcais encontram seu fundamento no início do segundo milênio. Mas a evidência, vista como um todo, certamente mostra que elas adaptam-se bem às circunstâncias da época e fortalece nossa convicção de que elas preservam uma antiga e persistente memória histórica.

2. *A Data dos Patriarcas*

Concedendo-se tudo o que ficou acima escrito, será que a evidência nos permite fixar a data dos patriarcas, com maior precisão? Infelizmente, não permite. O mais que se pode dizer, embora seja muito desconcertante, é que

³³ Berseba, embora frequentemente mencionada, parece não ter sido construída até o período israelita. Mas deve ser notado que as histórias não mencionam em nenhum lugar uma cidade em Berseba (exceto na citação de Gn 26,33, explicando o último nome do lugar) ou seus habitantes, mas somente um poço e um lugar sagrado. Isso não necessariamente quer dizer que o grande poço cavado sobre o monte seja aquele associado com os patriarcas e que as tradições sobre ele devem ter se originado no século doze, aproximadamente, como Y. Aharoni acredita; d. *BA*, XXXIX, 1976, pp. 55-76.

os acontecimentos refletidos em Gn 12 a 50, enquadram-se muito bem no período já descrito, isto é, mais ou menos entre o vigésimo e o décimo sétimo séculos. Porém nos falta a evidência para fixar os patriarcas em algum século (ou séculos) em particular e temos, além disso, a possibilidade de que as histórias dos patriarcas combinam a memória de eventos tomados de lugares distantes no tempo.

a. *Limitações da Evidência.* Se tivéssemos somente a cronologia da Bíblia para nos orientar, poderíamos supor que os patriarcas teriam vivido exatamente no período sugerido. É interessante que o Arcebispo Usher tenha fixado o nascimento de Abraão em 1996, e a descida de José ao Egito em 1728, com efeito estas datas combinam surpreendentemente com a posição que tomamos aqui.³⁴ Entretanto não é tão simples assim. Além do fato de não podermos atribuir tanta precisão à cronologia da Bíblia deste período tão remoto (se o pudéssemos, tínhamos de pôr a Criação em 4004 a.C!), aquela cronologia não é em si mesma inteiramente nítida e precisa. Por exemplo, enquanto o Êxodo (12,40) dá quatrocentos e trinta anos para a permanência de Israel no Egito, os Setenta, no mesmo lugar, dão os quatrocentos e trinta anos também para a permanência dos patriarcas na Palestina. Uma vez que a cronologia do Génesis dá duzentos e quinze anos para esta última (cf. Gn 12,4; 21,5; 25,26; 47,9), o tempo passado no Egito fica reduzido pela metade. Embora outras referências que parecem reduzir a estada no Egito a somente duas ou três gerações — por exemplo, Ex 6,16-20, onde se diz que Moisés foi neto de Caat, filho de Levi, que entrou no Egito com Jacó (Gn 46,11) — provavelmente signifiquem que as genealogias completas não foram preservadas.³⁵ É claro que não se pode estabelecer as datas dos patriarcas pela morte fazendo cálculos pela cronologia da Bíblia.

Tampouco a evidência extrabíblica soluciona a questão. Essa evidência é somente indireta e extraída de textos que compreendem vários séculos; a partir dela é impossível relacionar qualquer pessoa ou acontecimento em Gn 12 a 50, a qualquer pessoa ou acontecimento conhecido de outro modo, estabelecendo assim um sincronismo. Pensou-se durante muito tempo que o capítulo 14 do Génesis fosse uma exceção a esta afirmativa — e ainda pode ser — mas até o momento ainda é um enigma. O esforço para identificar Amrafel, rei de Senaar, com Hamurabi deve ser abandonado: aliás, se fosse

³⁴Cf. James Usher, *Annies Veteris Testamenti*, Londres. 1650, pp. 1. 6,14.

³⁵Cf. D. N. Freedman, *BANE*, pp. 204-207, que salienta que as antigas genealogias geralmente pulam do pai para o nome do clã:

[^] 6,16-20, portanto, significa que Moisés era da família de Amram, do clã de Kohath, da tribo de Levi. Sobre esse ponto veja também Kitchen. op. c/t.. pp. 53-56; A. Malamat, *JAÓS*, 88 (1968), p. 170; também Albright, *BP*, p. 9.

certo, poderíamos colocar Abraão entre 1728 e 1686. Não somente não há evidência de que Hamurabi tenha feito campanha no oeste, mas não se pode nem mesmo fazer a equação dos nomes.³⁶ Certamente, a história embora provavelmente tardia em sua forma atual, parece estar ligada à tradição antiga. Ela não somente faz sentido topograficamente, mas os nomes dos reis invasores cabem bem na nomenclatura da Idade do Bronze. O nome "Arioc" (Arriwuk) é encontrado nos textos de Mari. "Tidal", que é o mesmo que "Tudhalias", era o nome de diversos reis hititas, incluindo um do décimo sétimo século. E "Chedorlaomer" é um bom tipo elamita — embora não documentado. Além disso, a palavra usada para os partidários de Abraão (*bantkim*), visivelmente de origem egípcia e não encontrada em parte alguma da Bíblia, aparece no décimo quinto século numa carta de Tanac na Palestina e também nos Textos das Execrações. Mas o incidente, embora pareça autêntico, não pode no momento ser esclarecido nos termos dos eventos conhecidos da Idade do Bronze média.

É possível que os textos de Ebla esclareçam o assunto — embora qualquer conclusão neste momento seja prematura. Foi relatado pela primeira vez que as cidades da planície (Gn 14,2) — Sodoma, Gomorra, Admah, Zeboiim e Bela — foram todas encontradas listadas numa tábua econômica de Ebla, e na mesma ordem da Bíblia (a qual seria prova de que estas cidades realmente existiram e mantiveram bons relacionamentos uma com a outra nesse tempo). Mas isso tem sido questionado desde então.³⁷ Embora alguns estudiosos acreditem que Sodoma e Gomorra são mencionadas, esse fato é discutido por outros, enquanto a leitura de outros nomes tem sido questionada (e em nenhum caso eles parecem ocorrer na mesma tábua). Os nomes de outros lugares palestinos, citados como descritos no texto, são igualmente questionados. Qualquer luz que os textos de Ebla possam trazer no futuro, os incidentes de Gênesis 14, não podem ser hoje esclarecidos a partir deles. Sabemos que Ebla manteve relacionamento com as terras dos elamitas (Hamazi), mas não sabemos de nenhuma intervenção sob a liderança elamita no ocidente — embora não se possa dizer que nenhuma intervenção ocorreu, tão incompleto é o nosso conhecimento sobre esse período. Aparentemente, qualquer evento que pudesse estar por trás dessa história deveria ter ocorrido no terceiro milênio, pois as cidades da planície não

"Mas d. F. Cornelius, *Z/W*, 72 (1960), pp. 1-7; *idem*, *Geistesgeschichte der Frühzeit*, II: 2, E. J. Brill, Leiden, 1967, pp. 87ss, que confirma a identificação e relaciona o incidente com a invasão dos hicsos no Egito. Albright liga "Amraphel" com Ymutbal (um distrito na fronteira de Elam) e vê no incidente um ataque ao Egito, talvez relacionado ao colapso da Décima Segunda Dinastia; et *BASOR*, 163, (1961). pp. 49ss; *YGC*, pp. 60ss.

"Sobre este parágrafo, et D. N. Freedman, *BA*, LXI, 1978, pp. 143-164, e adendo à p. 143; mais recentemente, cf. *BARev.*, V, 1979, pp. 52ss.

parecem ter existido após o final da idade do Bronze antiga.³⁸ Ainda que seja assim, isso não nos força a colocar Abraão no terceiro milênio — embora deva ser dito que descobertas futuras podem nos forçar a essa exata posição. Nós devemos reconhecer a possibilidade de que as narrativas de Gênesis misturam sob os nomes de certos indivíduos a memória de eventos que aconteceram num período de tempo mais longo do que sugere uma leitura casual da Bíblia.

b. *Os Patriarcas e a Idade do Bronze média*. Mas mesmo que não possamos datar os patriarcas com muita precisão, e mesmo que as descobertas futuras possam forçar um novo quadro da pintura apresentada aqui, as provas atuais disponíveis sugerem que as tradições patriarcais, na sua grande maioria, cabem nos séculos iniciais do segundo milênio (Idade do Bronze média II). Como já mencionamos, não somente a nomenclatura das histórias demonstra paralelos em textos daquele período; a data das migrações dos patriarcas nos séculos após 2000 a.C., aproximadamente, está bem de acordo com as provas arqueológicas e extrabíblicas.³⁹ Deve ser lembrado que na última parte do terceiro milênio as civilizações da Idade do Bronze antiga chegaram ao fim; as cidades foram destruídas e abandonadas, resultando num período de vida semi-sedentário (fim da Idade do Bronze antiga e Idade do Bronze média I). Foi somente após um longo intervalo de tempo que as cidades começaram a ser reconstruídas e a vida urbana voltou ao normal (Idade do Bronze média II). Quais foram os agentes desta destruição e os arquitetos da recuperação subsequente, ainda está em discussão; mas podemos presumir que eles foram os recém-chegados⁴⁰. Com toda probabilidade estes recém-chegados eram os amoritas, um povo do qual já ouvimos falar, e que parece ter entrado na Palestina em ondas durante um longo período.⁴¹ Como já vimos, os amoritas e grupos semelhantes pressionaram em todas as partes do Crescente Fértil logo no início do segundo milênio. Eles foram os instrumentos da destruição de Ur III na Mesopotâmia, e aparentemente par-

³⁸Possivelmente elas se localizam na extremidade sul do mar Morto: cf. *BARev.*, VI, 1980, pp. 27-36. O grande assentamento e o cemitério próximo a Bad edh-Dhra, possivelmente ligado a elas, deixaram de ser usadas na Idade do Bronze antiga IV.

³⁹Cf. W. G. Dever, *11H*, pp. 70-120, para uma revisão magistral da evidência. Dever conclui (pp. 117-120) que se a tradição possui alguma historicidade (e acreditamos fortemente que possui) eles se encaixam melhor na Idade do Bronze média (especificamente "a Idade do Bronze média HA e o início do UB — 2000-1800, aproximadamente, em sua datação). Para um sumário, cf. J. E. Keusman. *CBQ*, XXXVII, 1975, pp. 1-16.

⁴⁰Isso é negado por T. L. Thompson, op. cit., esp. cap. 7. É difícil acreditar que a civilização da Idade do Bronze antiga destruiu completamente somente por meio de um conflito interno. Ademais, o rompimento cultural bastante nítido que parece ter dentado no início da Idade do Bronze média II deve ser lembrado; cf. Dever, *ibid.*

⁴¹Essa é a posição de Dever (supra), de Vaux (*EHI*, I, pp. 264-266) e vários outros. O ponto de vista de P. W. Lapp (veja *Biblical Archaeology and History*, New York and Cleveland: World Pub. Co., 1969), pp. 96-107) que os destruidores da cultura da Idade do Bronze média foram invasores vindos do norte (da Ásia Central) tem sido mais aceita.

ticiparam durante o período de perturbação no Egito, conhecido como o Primeiro Intermediário. Os reis de Ur e os faraós do Egito tomaram medidas defensivas contra eles quase ao mesmo tempo (no início do século vinte);

Síria e Palestina indiscutivelmente receberam parte deste povo. É razoável supor que entre eles havia vários elementos cujos antepassados um dia seriam os membros do povo de Israel.

O mundo das histórias patriarcais é de maneira geral aquele da Idade do Bronze média. Este era um tempo em que a população da Alta Mesopotâmia era predominantemente amorita, com um aumento da população ocasionado pela mistura de humanos, quando não havia grandes impérios e a livre comunicação era possível em todas as direções (como nos textos de Mari). É um quadro que se assemelha, de certa maneira, com o que se sabe do período seguinte (Idade do Bronze antiga), pois então, como veremos, a Alta Mesopotâmia foi a primeira sede do reinado de Mitanni, com a Palestina e a Síria fazendo parte do Império Egípcio e, mais tarde, o norte da Síria passou para o controle dos hititas, com a Alta Mesopotâmia sendo o pomo de discórdia entre eles e a ascendente Assíria.

A Palestina das narrativas de Génesis parece também ser aquela da Idade do Bronze média. Os patriarcas vagavam na Transjordânia, nas montanhas centrais e no Negueb. Além dos reis da planície do Jordão (Gn 14), eles não encontraram reis das cidades exceto Melquisedec de Jerusalém e o rei de Gerar na planície costeira (Gn 20; 26). Mesmo Hebron (Gn 23) e Siquém (Gn 33,18-20; 34) pareciam estar nas mãos de confederações tribais. Isso cabe bem nos Textos das Execrações (século dezenove, aproximadamente), quando os grupos tribais foram gradualmente ocupando o interior pouco povoado da Palestina e começando a se estabelecer. Isso não se enquadra bem na fase tardia da Idade do Bronze, quando a Palestina — como conhecemos dos arquivos egípcios e da Bíblia — era organizada no sistema feudal de cidades-estados e era parte do império egípcio. Os patriarcas nunca encontraram egípcios na Palestina; na verdade não há nenhum indício de governo egípcio naquela área. Mesmo no turbulento período de Amarna (século quatorze) não se enquadra bem. Então, como veremos, as dinastias locais, auxiliadas por elementos subversivos chamados "Apiru", tentavam alcançar seus interesses à custa de seus vizinhos ou ainda se livrar do jugo do faraó de uma vez por todas. Era uma época de transtorno contínuo. Mas existe pouca evidência deste transtorno nas narrativas do Génesis. Nem os reis das cidades nem seus mantenedores estão em evidência. O quadro não é o retrato de uma província em transtorno; com raras exceções os patriarcas se movem em terras de paz aparente.

c. *O final da Idade Patriarcal.* O que ficou dito acima não significa que podemos afirmar dogmaticamente que nenhum dos acontecimentos relatados nos capítulos de 12 a 50 do Gênesis são posteriores ao décimo sexto século. Alguns talvez o sejam. Por exemplo, o capítulo 34, que reflete uma fase primitiva da ocupação israelita da Palestina, quando as tribos de Simeão e de Levi fizeram uma conquista violenta da área de Siquém e depois foram expulsos e dispersos (Gn 49,5-7) pode referir-se a acontecimentos da idade do Bronze recente. É possível que o capítulo 38, que trata de negócios internos de Judá, também pertença a uma fase primitiva de ocupação, quando os elementos daquela tribo estavam infiltrando-se no sul da Palestina. Além de tudo, as repetidas menções dos arameus nas histórias de Labão-Jacó podem, se não anacronicamente (veja abaixo), sugerir que essas histórias refletem uma subsequente migração dos elementos dos antepassados de Israel a partir do norte na Idade do Bronze antiga, pois arameus não são claramente atestados nos textos assírios até por volta do século doze (embora certamente existisse mais cedo). Os movimentos que levaram os antepassados de Israel à Palestina indiscutivelmente representaram um longo e contínuo processo que durou vários séculos.

Não podemos tampouco dizer com certeza quando Israel desceu para o Egito. O faraó que tratou bem a José e o faraó que "não conheceu José" não são identificados. E uma vez que a própria Bíblia não é coerente sobre a duração da permanência no Egito, não podemos conjecturar a partir da data provável do êxodo para resolver o assunto. Embora seja tentador considerar o faraó da época de José como um antigo rei hicsu — que sendo semita tratava bem outro semita — e considerar o faraó que "não conheceu José" entre os soberanos do Império, não há nenhuma prova disso.

Não devemos, igualmente, esquecer-nos de que os semitas tinham sempre acesso ao Egito em todos os períodos, como tanto a Bíblia como as narrativas egípcias indicam. Pode ser que querer saber quando Israel desceu para o Egito seja levantar uma questão indevidamente. Com efeito, ainda não existia o povo de Israel. A simples narrativa bíblica oculta acontecimentos de tanta complexidade. Não precisamos, portanto, supor que os pais de todos os que saíram no êxodo tivessem entrado no Egito ao mesmo tempo. A própria inconsistência da tradição bíblica é um reflexo disso. É, portanto, impossível fixar uma data exata para a entrada de Israel no Egito e assim fixar ^o fim do período patriarcal. Mas a maioria das narrativas patriarcais parece [^] encaixar melhor na Idade do Bronze média (algumas até mais cedo; Gn 14?), algumas delas aparentemente nos remetendo à Idade do Bronze antiga. Podemos acreditar que, pelo último período, a maioria dos componentes do

que mais tarde veio a ser Israel foram encontrados na Palestina, a maioria dos quais assentados em suas áreas tribais. E a partir dessas áreas, alguns chegaram até o Egito.

C. OS ANTEPASSADOS HEBREUS E A HISTÓRIA

1. *A migração dos Patriarcas*

Concedendo-se, portanto, que as narrativas patriarcais têm aparência de mais genuína autenticidade, o que é que poderemos dizer mais? Primeiramente, pela historicidade da tradição os antepassados de Israel vieram originalmente da Alta Mesopotâmia para a população seminômade com cuja área eles sentiam uma íntima afinidade. Isso não se pode absolutamente negar.

a. *A tradição bíblica.* A tradição bíblica é unânime sobre este ponto. Dois dos documentos mencionam expressamente Harã como o ponto de partida da jornada de Abraão (Gn 11,32; 12,5 [P]) e, depois, como a pátria de Labão, parente de Abraão (por exemplo, Gn 27,43; 28,10; 29,4 [J]). Em outra parte Labão é colocado em Padã-Arã (Gn 25,20; 28,1-7; 31,18 [P]) — outro nome para a mesma área, quando não lugar idêntico⁴² — e, ainda em outra parte (Gn 24,10 [J]), na cidade de Nacor (Nakhur, no vale Balikh, perto de Harã) em Aram-naharaim (Mesopotâmia). Somente o material atribuído a E não faz nenhuma menção especial à área de Harã — provavelmente um acidente de sua natureza fragmentária — mas ele também dá conta (Gn 31,21) de que a pátria de Labão era além do Eufrates. A tradição é também confirmada por Js 24,2ss, passagem esta geralmente atribuída a E ou D, porém muito mais antiga do que ambas.

Alguns afirmaram, com certeza,⁴³ que a pátria de Labão, na forma original da tradição, era nas fronteiras de Galaad (o local de Gn 31,43-55) e que depois ela foi transferida para a Síria oriental — onde (cf. História de Sinuhe) parece ter sido a terra de Qedem (cf. Gn 29,1, "os filhos do oriente" [Benê Qedem]) — e somente mais tarde, com a elevação de Harã para um lugar de proeminência, como centro de uma caravana araméia, para a Mesopotâmia.

"Padã-Aram pode significar "o caminho (Akk. paddanu) de Aram": cf. R. T. O'callaghan, *Aram Naharain*, Pontificio Instituto Bíblico, Roma, 1948, p. 96. Harã (Acad.: *harrânu*) também significa "o caminho" (cf. E. Dhorme, *Recueil Édouard Dhorme*, Imprimerie Nationale, Paris, 1951, p. 218). Outros, contudo, sugerem "a planície (Aram.: *paddanâ*) de Aram" (d. Os 12,12); cf. Albright, *FSAC*, p. 237; R. deVaux, *RB*, LV (1948), p. 323.

"Cf. Noth, *Pentateuchal Traditions*, pp. 110,199ss: também *HI*, pp. 83ss. Mas nos seus últimos escritos Noth já estava preparado para conceder a semelhança da origem da mesopotâmia dos antepassados de Israel; cf. "Die Ursprünge des alten Israel im Lichte neuer Quellen", *Arbeitsgemeinschaft für Forschung des Landes Nordrhein-Westfalen*, Heft 94 (1961), especialmente pp. 31-33.

Mas, embora os antepassados do Israel posterior tenham sem dúvida vindo originalmente de muitos lugares diferentes, não há uma explicação muito convincente de uma tradição tão forte. Além disso, pode-se objetar se as passagens em causa permitem levar a tais conclusões. Tanto Labão como o Benê Qedem eram povos não-sedentários, que poderiam ter-se estendido para muito longe — como sabemos que fizeram os benjamitas ("povos do sul") dos textos de Mari. A tradição que põe Labão perto de Galaad não é nem em si mesma difícil de se aceitar nem contradiz a que põe as origens de Israel na Mesopotâmia, e também é antiga e unânime.

b. *A tradição à luz da evidência.* Uma tradição tão unânime não deveria ser posta à parte sem motivo forte, e em vista da evidência seria subjetivo agir deste modo. Já mencionamos muita coisa neste sentido e não precisamos repeti-lo: por exemplo, a evidência proveniente de toda a Mesopotâmia do norte de que havia ali uma população afim aos hebreus na primeira metade do segundo milénio; ou o fato de que havia uma lei consuetudinária patriarcal especificamente entre a população da mesma área aproximadamente e mais ou menos no mesmo tempo. E muito mais ainda. Estes fatos são históricos e como tais devem ser reconhecidos.

Todavia, pode-se ainda acrescentar mais a estas linhas de evidência, persuasivas em si mesmas. Primeiramente, o fenómeno da profecia como o vemos na Bíblia encontra os paralelos mais semelhantes nos textos de Mari. Naturalmente não podemos entrar aqui em discussões pormenorizadas da matéria.⁴⁴ Mas em vista dos numerosos paralelos entre os costumes e instituições dos povos que encontramos nestes textos e os dos antepassados de Israel, devemos pressupor algumas ligações entre eles. Embora a profecia tal como existia em Israel fosse um fenómeno único no mundo antigo, e tipicamente israelita, os textos de Mari mostram-nos alguma coisa de sua pré-história. Uma vez que a instituição da profecia estava bem estabelecida em Israel, pelo menos no período dos Juizes (Débora, Samuel etc.), e parece ter sido ela uma característica de sua vida religiosa desde o começo, estes paralelos com os textos de Mari se explicam muito melhor supondo-se que a profecia foi levada a Israel pelos antepassados que vieram de um meio cultural semelhante.

⁴⁴O levantamento mais completo do material é de F. Ellermeier, *Prophecie in Mari und Israel*, Verlag Erwin Junfer, Herzberg am Harz, 1968. Para uma excelente orientação, d. H. B. Huffmon. *Mag. Dei*, cap. 8. Outras discussões à luz dos textos mais recentemente publicados incluem: A. Malamat, "Prophetie Revelations New Documents from Mari and the Bible", *VT*, Suppl. vol. XV (1966), pp. 207-227; J. G. Heintz, "Oracles prophétiques et "guerre sainte" selon lés archives royales de Mari et l'Ancient Testament". ^ Suppl.. vol. XVII (1969), pp. 112-138; W. L. Moran, "New Evidence from Mari on the History of prophecy", *Biblica*, 50 (1969), PP. 15-56; J. F. Ross, "Prophecy Hamath, Israel, and Mari", *HTR*, LXIII (1970), pp. 1-28.

Além disso, existe ainda o fato bem conhecido de que a lei israelita como a conhecemos do Código da Aliança (Ex 21-23), tem paralelos extremamente semelhantes à tradição legal mesopotâmica, especialmente exemplificados nos códigos de Eshnunna e de Hamurabi. Não temos nenhuma prova de que existisse uma tradição legal semelhante entre os canaanitas — embora devemos dizer que até então não foi encontrado nenhum código de leis nem na Palestina nem na Síria. Concorda-se geralmente, hoje em dia, que o Código da Aliança reflete a prática legal de Israel no período mais remoto de sua história como um povo, quando Israel não tinha nenhum contato de espécie alguma com a Mesopotâmia. Mas embora esta tradição legal seja tão antiga e por mais que ela tenha sido adaptada às condições de Canaã, não se pode afirmar que seja de origem canaanita. A suposição mais razoável é que ela foi trazida para a Palestina por grupos que migraram durante o segundo milênio de terras em que se conhecia a tradição da jurisprudência mesopotâmica.

O mesmo se pode dizer das narrações da Criação e do Dilúvio (Gn 2; 6-9). Como é sabido estas histórias mostram uma semelhança surpreendente com histórias semelhantes da Mesopotâmia. Mas quanto o sabemos, apresentam muito poucas semelhanças — e mesmo assim muito superficiais — com a literatura de Canaã ou do Egito. As histórias do Jardim do Éden, da Torre de Babel, assim como outras encontradas no Génesis, do capítulo I ao capítulo 11, têm igualmente um substrato mesopotâmico.⁴⁵ E uma vez que estas histórias eram conhecidas entre os hebreus, de alguma forma pelo menos, já no décimo século (quando se data geralmente J); uma vez que entre o seu estabelecimento na Palestina e a elevação da monarquia, Israel não teve nenhum contato com a Mesopotâmia; uma vez que não há nenhuma prova pelo menos de que a versão babilônica da história do Dilúvio fosse conhecida na Palestina nos tempos pré-israelitas (um fragmento do poema do herói mítico Gilgamesh foi encontrado em Meguido no décimo quarto século), é lógico supor que as tradições que remontam a uma época anterior à história primeva do Génesis foram trazidas da Mesopotâmia pelos grupos migrantes, na primeira metade do segundo milênio. Embora não tenhamos nenhum meio de provar, pode-se perfeitamente supor que a introdução dessas tradições foi feita primitivamente por aqueles mesmos elementos "amoritas" entre os quais se encontravam os antepassados de Israel. De qualquer modo, é impossível conseguir uma data mais antiga.

⁴⁵Cf. Albright, *YGC*, pp. 79-87; idem, *BA XXXVI* (1973), pp. 22-26; Wright, *BAR*, pp. 44ss. Para uma descrição do afresco de Man com características que lembram o Jardim do Éden (quatro rios cósmicos correndo de vasos seguros por deuses, duas árvores, querubim), veja a propósito A. Parrot, *AOTS*, p. 139.

Evidência, tal como a precedente, tanto tem múltiplas características quanto é instigante. Embora obviamente não necessitemos assumir que todos os ancestrais do Israel antigo vieram de um mesmo lugar, somos forçados a concluir que no mínimo importantes elementos entre eles foram, de fato, de origem mesopotâmica. A tradição bíblica de que os patriarcas migraram daquela área deve, portanto, ser vista em sua historicidade essencial.

c. *Ur dos caldeus*. A tradição seguinte (Gn 11,28.31; 15,7) de que Tare, pai de Abraão, tenha migrado de Ur dos caldeus para Harã é menos certa. Entretanto, não há nada intrinsecamente improvável sobre o assunto. Ur e Harã estavam unidas por laços de comércio e religião, porque ambas estas cidades eram centros do culto da deusa Lua. Não obstante o fato de serem desconhecidos entre os antepassados hebreus (por exemplo. Tare, Labão, Sara, Melca) nomes associados com aquele culto, seria temerário negar que a tradição se fundamente em circunstâncias históricas.⁴⁶ Não é impossível que certos clãs semíticos do noroeste, tendo-se infiltrado no sul da Mesopotâmia, tenham depois — talvez nos dias conturbados depois da queda de Ur III — migrado para o norte, para Harã. Apesar de ser verdade que Babilónia, quanto o saibamos, só foi chamada Caidéia no décimo primeiro século, quando os caldeus — povo arameu — apareceram lá, pode-se considerar isso como um anacronismo natural.

Entretanto, deve-se ter muita cautela. Não somente os Setenta não fazem menção a Ur, dizendo simplesmente "a terra dos caldeus", mas outras passagens (Gn 24,4.7) parecem colocar o lugar do nascimento de Abraão na Alta Mesopotâmia. Embora a leitura dos Setenta possa ser o resultado de uma corrupção textual,⁴⁷ é também possível que a pátria original dos antepassados hebreus tenha sido um lugar qualquer mais ao norte.⁴⁸ Não podemos ter certeza disso. De qualquer modo, as tradições patriarcais mostram pouca evidência de influência do sul da Mesopotâmia.

d. *Os antepassados hebreus e os arameus*. Os antepassados de Israel, embora fossem predominantemente de um tronco semítico do noroeste, eram sem a menor dúvida uma mistura de muitas raças. A consciência deste fato se reflete na própria Bíblia, que enfatiza o parentesco de Israel não somente

⁴⁶ Cf. E. Dhorme, *op. dl.*, pp. 205-245; mais recentemente, R. deVaux, *EHI*, 1, pp. 187-192; Albright, *BASOR*, 163 (1961), pp. 44-

A explicação de Albright da divergência textual (*BP*, p. 97) é plausível. C. H. Gordon tem argumentado que a Ur de Abraão não era um famoso centro urbano no sul; cf. *BARev.*, III, 1977, pp. 20ss., 52. Um texto de Ebla menciona Ur nas proximidades de Harã; cf. P. C. Maloney, *Barev.*, IV, 1978, p. 8. Isso, naturalmente, aguarda confirmações posteriores.

com Moab, Amon e Edom (Gn 19,30-38; 36), mas também (Gn 25,1-5.12-18) com numerosas tribos árabes, incluindo madianitas. Entretanto, os hebreus tinham uma convicção muito arraigada de seu parentesco com os arameus. Não somente a pátria de seus parentes mesopotâmicos está localizada em Aram-naharaim ou Padã-Aram, mas o próprio Labão é chamado repetidas vezes de arameu (Gn 25,20; 28,1-7 [P]; 31,20.24 [JE]). Este parentesco é explicado diversamente nas genealogias. Em Gn 10,21-31 os arameus são descendentes de Sem através de uma linha paralela à de Heber, antepassado tradicional dos hebreus, enquanto em Gn 22,20-24 os arameus e os caldeus são a progénie de Nacor, irmão de Abraão. Mas a tradição está fortemente estabelecida. O israelita primitivo tinha uma cerimônia religiosa que começava com as palavras: "Um arameu errante era meu progenitor" (Dt 26,5).

Uma tradição arraigada tão profundamente não podia ser desprovida de fundamento. Encontramos realmente um povo chamado arameu nos textos do décimo segundo século. Estes textos afirmam que reis assírios combatiam os arameus em diversas partes do vale do Eufrates e no deserto da Síria. Eles eram encontrados em toda a Síria e Alta Mesopotâmia, onde sua língua com uma rapidez surpreendente deslocou línguas faladas anteriormente naquelas áreas (eventualmente, séculos mais tarde, ela tornou-se a "língua geral" do sudoeste da Ásia). Mas até hoje não temos uma evidência clara de que os arameus estivessem presente na Mesopotâmia na Idade patriarcal⁴⁹. É verdade que o nome de "Aram" foi encontrado nos textos de Mari (décimo oitavo século), assim como em outros textos do ano 2000 a.C., aproximadamente, ou mais antigos ainda. Mas é questionável que estas ocorrências tenham alguma coisa que ver com o povo arameu. O mesmo se diga de Ahiamu, com quem os arameus são às vezes identificados e que aparece frequentemente nos textos dos séculos seguintes. O fato de Ahiamu ocorrer nos textos de Mari como nome próprio não é absolutamente suficiente para provar que os arameus ou Ahiamu estavam presentes naquela área na idade patriarcal. Por outro lado, não é provável que o aparecimento dos arameus no fim do segundo milênio representasse uma recente irrupção de nômades do deserto, pois os primitivos arameus eram provavelmente elementos seminômades de origem mista, já há muito presentes no deserto da Síria ao longo das fronteiras das áreas povoadas. A língua aramaica provavelmente se originou de um dialeto que evoluiu localmente no leste da Síria ou noroeste da Mesopotâmia e foi estendendo-se gradualmente sobre áreas cada vez mais extensas, à medi-

⁴⁹Possivelmente há menção dos arameus desde o décimo quarto século, mas aparentemente não além disso. Cf. R. deVaux, *EHI*, I, pp. 200-209, para uma judiciosa revisão da evidência; também A. Malamat, *POTT*, pp. 134-401; W. F. Albright, *CAH*, II: 23, 1966, pp. 46-53.

da que os vários povos do Crescente Fértil e ao longo de suas fronteiras se confederavam com os que a falavam, ou, de uma maneira ou de outra, estavam sob a sua influência. Entre os povos que adotaram a língua aramaica — e assim "se tornaram" arameus — estavam aqueles elementos da população "amorita" mais antiga, que viviam no Alto Eufrates e seus tributários. Este processo foi sem dúvida muito fácil em virtude da relativa semelhança do aramaico com a sua língua. Como já dissemos, "amorita" é uma palavra acádia que significa "ocidental". Essa palavra foi usada como designação para os vários povos semitas do noroeste da Alta Mesopotâmia e Síria na Idade patriarcal e antes dela. Ela deve, portanto, ter-se estendido àqueles povos da área cujos descendentes vieram depois a falar aramaico, assim como aos antepassados de Israel. Por outras palavras, os antepassados de Israel e os dos arameus tardios eram do mesmo tronco étnico e linguístico. Não era, portanto, sem razão que Israel podia lembrar a sua origem na "planície de Aram" e falar de seu progenitor como "um arameu errante".

Foi, portanto, deste "background" — que alguns ousaram chamar "proto-araméu"⁵⁰ — que provieram os antepassados de Israel. Por razões ainda desconhecidas, eles se separaram, provavelmente no segundo milênio, e migraram para a Palestina com outros povos dos quais nada sabemos, para dar àquela terra uma nova infusão de população. Talvez o fato de a Bíblia nos falar de contatos contínuos com a Mesopotâmia e de novas influências daí (as histórias de Isaac e Jacó) nos poderia levar a supor que os antepassados de Israel entraram na Palestina em várias levas num determinado período (possivelmente em direção à Idade do Bronze antiga). Mas os detalhes fogem ao nosso controle. A língua dos patriarcas foi sem dúvida uma forma do semítico do noroeste, não muito diferente da língua falada em Mari. Mas como os vínculos com a pátria se enfraqueceram, eles assimilaram a língua canaanita, da qual o hebraico não passa de um dialeto. O mesmo aconteceu com seus parentes na Mesopotâmia, que acabaram adotando o aramaico. Na Palestina, os antepassados de Israel estiveram em contato com outros grupos de origem semelhante, com os quais eles sentiam que tinham parentesco. Contraíram casamento entre si, dividiram-se e proliferaram de uma maneira muito mais complexa do que indica a narrativa bíblica, embora esta narrativa (por exemplo, as histórias de Ló, Ismael e Esaú) seja um reflexo Perfeito dessa complexidade.

^R w., Noth, *Die Ursprünge des alten Israel* (veja nota 43), especialmente pp. 29-31; R. de Vaux. *EHI*, 1, pp. 207-209. Mas deve-ter muita cautela. Discute-se como deveria ser classificada a língua de Mari com relação ao aramaico, canaanita etc. Veja a Propósito W. L. Moram, *BANE*. pp. 56ss e as referências lá encontradas.

2. *Os patriarcas como figuras históricas*

A evidência que aduzimos até agora nos dá todo o direito de afirmar que as narrativas patriarcais estão firmemente fundamentadas na história. Mas devemos parar aqui? Devemos considerar os patriarcas apenas como um reflexo de movimentos clânicos impessoais? De modo nenhum! Embora não possamos reconstruir as vidas de Abraão, Isaac e Jacó, podemos confiantemente acreditar que eles foram indivíduos históricos reais.

a. *Chefes de clãs seminômades*. A declaração acima poderia ser largamente aceita hoje. As tentativas antigas de não achar nos patriarcas mais que a criação livre da lenda, antepassados epônimos de clãs, ou figuras atenuadas de deuses, já foram abandonadas e de tal forma que não merecem hoje a mínima discussão. O sabor de autenticidade das histórias nos impede que consideremos os patriarcas como lendários, e a descrição deles, que nos é apresentada, não tem nada de mitológico. Há, naturalmente, motivos folclóricos nas histórias. Mas tais motivos pertencem ao desenvolvimento da narrativa, não às suas figuras centrais, que nos são descritas da maneira mais realista.

Esses motivos apenas vêm ilustrar a tendência de toda literatura antiga de acomodar-se a formas convencionais. A tentativa de explicar os patriarcas como antepassados epônimos que eram adorados como deuses se apoiava num enorme equívoco da evidência: por exemplo, a falsa impressão de que Tare aparece nos textos de Rãs Shamra como a deusa Lua⁵¹ ou a explicação errônea de nomes como Jacó (*Ya'qub-el*) como "Jacó é Deus"⁵² (realmente significa "[Deus] o proteja"). Mas o esforço para reduzir os patriarcas a meros epônimos impessoais cai por terra sobretudo diante da evidência que será aduzida mais abaixo sobre a natureza de sua religião. Essa evidência nos compele a considerá-los como indivíduos históricos.

Portanto, como dissemos acima, os patriarcas não foram simples indivíduos particulares, mas chefes de clãs consideráveis. As meras narrativas nos dão a entender complexos movimentos de clã. Nessas narrativas o indivíduo se mistura com o grupo, e suas ações refletem as ações do grupo. Mas os patriarcas não podem ser apagados em epônimos. Afinal de contas, a Palestina, no começo do segundo milênio, estava cheia de clãs seminômades, cada um dos quais, com toda a certeza, era chefiado por um indivíduo real,

⁵¹Para referências H. H. Rowley, *The Servant of the Lota* (veja nota 17). pp. 307-309.

⁵²Oesterleye Robinson, *History of Israel*, Clarendon Press, Oxford, 1932, vol. I, pp. 52ss, 91; A.T. Olmstead, *History of Palestine and Syria*, Charles Scribner's Sons, 1931. p. 106.

embora não lhe conheçamos o nome. Se os patriarcas representam tais grupos, como há muitas razões para o admitirmos, é capcioso negar que os líderes desses grupos também eram pessoas reais, isto é, que Abraão, Isaac e Jacó eram chefes de clãs que realmente viveram entre os séculos vinte e dezessete ou no segundo milênio a.C.

Infelizmente, e é muito lamentável que assim seja, isso é tudo o que a evidência externa nos permite afirmar. Embora a narrativa da Bíblia tenha a maior autenticidade, não possuímos nenhum meio de controlar os seus detalhes. Por isso é que fazemos muito bem afirmando que não conhecemos nada a respeito de Abraão, Isaac e Jacó além do que deles nos diz a Bíblia. Pode-se pôr em dúvida a narrativa bíblica ou parte dela, ou dispor os acontecimentos ao sabor de cada um, mas não se deve esquecer que quem proceder deste modo estará indo mais além do que a evidência objetiva. Podemos estar inteiramente certos de que os acontecimentos reais foram muitíssimo mais complexos do que a Bíblia indica. Basta notar que se trata de um confuso processo de confederação, proliferação e divisão de numerosos grupos de clãs. Mas a natureza do material é tal, e são tão limitados os nossos conhecimentos a respeito, que tentar uma reconstrução deste gênero seria uma especulação inútil. Muito menos ainda um método seguro e imparcial nos permitiria, na ausência de uma evidência objetiva, traçar hipoteticamente a história das tradições e, nesta base, passar a julgá-las. A narrativa da Bíblia reflete com toda a precisão os tempos aos quais se refere. Entretanto, não podemos acrescentar uma palavra ao que ela nos diz sobre a vida dos patriarcas.

b. *'Apiru (Hapiru)*. A Bíblia nos pinta os patriarcas como homens pacíficos, dispostos (Gn 26) a se deslocarem para grandes distâncias a fim de evitar conflitos ou atritos com seus vizinhos. Naturalmente, isso acontecia porque eles não eram nem numerosos, nem suficientemente fortes para enfrentar a inimizade de chefes mais poderosos (Gn 34,30). Ocasionalmente, eles aparecem recorrendo à violência. É o caso do traiçoeiro assalto de Simeão e Levi a Siquém (Gn 34), ou a tradição (Gn 48,22) de que o próprio Jacó se apoderou de terras nas proximidades de Siquém pela força das armas.⁵³ Mas o exemplo clássico está no capítulo 14 do Gênesis, em que Abraão, com 318 homens, persegue os reis invasores para resgatar Ló e sua família. É interessante notar que só aqui (no versículo 13) Abraão é chamado "hebreu". Além disso, deve-se também ter em vista que somente aqui e na história de José o termo é usado SITI toda a narrativa do Gênesis. Devemos, também, notar que, embora esteja-

Gênesis 33.19 afirma que ele o comprou. Embora ambos os versos sejam geralmente atribuídos a E, parecem referir-se à "Kma terra da qual se trata no capítulo 48, versículo 22; et Noth, *Pentateuchal Traditions*, p. 83.

mós acostumados a nos referir aos israelitas (e aos judeus de hoje) como hebreus eles não se chamavam normalmente assim, mas se designavam como Benê Yisra'el (isto é, israelitas). Com efeito, o nome "hebreu" virtualmente nunca aparece no Antigo Testamento, salvo nas narrativas do período primitivo,⁵⁴ e então é posto sobretudo na boca de estrangeiros falando de israelitas (por exemplo, Gn 39,14,17; Ex 2,6; ISm 4,6.9), ou na boca de um israelita que deseje identificar-se com um estrangeiro (por exemplo, Gn 40,15; Ex 3,18; 5,3). Depois das guerras contra os filisteus, o termo caiu em completo desuso.

Isso levanta a questão da relação dos hebreus com grupos conhecidos como 'Apiru, Hapiru, ou Habiru,⁵⁵ e atestado nos textos num período que coincide com a incidência do "hebreu" na Bíblia. Este problema já foi discutido à saciedade.⁵⁶ Os vocábulos "hebreu" ('ibri) — visivelmente uma derivação popular do nome do antepassado Heber (Gn 11,14-17) — e " 'apiru" (hapiru) apresentam uma semelhança sedutora. Embora conceituados estudiosos sábios afirmem que estes nomes não podem ser identificados etimologicamente,⁵⁷ parece pelo menos possível que haja alguma ligação entre eles. Entretanto, não podemos, mesmo assim, simplesmente igualar "hebreu" e " 'apiru". O termo 'apiru é encontrado com tanta frequência que não é lícito estabelecer tal igualdade. Na Mesopotâmia, por exemplo, os 'apiru estão em evidência durante os períodos de Ur III, de I Babilônia, e ainda depois; nos textos de Nuzi (décimo quinto século) eles desempenham um papel importante. E documentos de Mari (décimo oitavo século) e Alalakh (décimo sétimo e décimo quinto séculos) atestam a sua presença na Alta Mesopotâmia durante toda a idade patriarcal. Na Anatólia, os textos capadóciolos (décimo nono século) falam deles, assim como os textos de Boghazkoy (décimo quarto século). Eles são igualmente mencionados nos textos Rãs Shamra (décimo quarto século). Os documentos egípcios do período imperial (do décimo quinto século ao décimo segundo) referem-se a eles, como inimigos e rebeldes na Ásia e como povos escravos no Egito. As cartas de Amarna (décimo quarto século), nas quais eles aparecem na Palestina e áreas circunvizinhas como perturbadores da paz, são os melhores testemunhos deles. É claro que um povo que aparece em todo o oeste da Ásia do fim

⁵⁴Somente Dt 15,12; Jr 34,9.14, que se referem a uma lei antiga (Ex 21,2); e Jonas 1,9, que é arcaizante.

⁵⁵Segundo a evidência de Rãs Shamra, o primeiro parece ser a forma do nome na língua semítica do Oeste; Hapiru, pronunciado antes como Habiru, é a escrita cuneiforme. O ideograma, SA.GAZ, que ocorre frequentemente, é usado um pelo outro.

⁵⁶Veja especialmente M. Greenberg, *7'Ae Hab/piru*, American Oriental Society, 1955, e J. Bottéro, *Lé problème des Habiru à la 4ème rencontre assyriologique Internationale, Cahiers de la Société Asiatique*, XII (1954), ambos esses trabalhos são sumários excelentes da discussão até o tempo em que foram escritos. A discussão continuou: cf. R. de Vaux, *te problème des Hapiru après quinze annés*, *JNES*, XXVII (1968), pp. 221-228. Nesta obra o autor apresenta a literatura mais recente sobre o assunto. Veja H. Cazelles, P07T.pp.1-28.

⁵⁷Greenberg, *op. c/t.*, pp. 3-12, para uma história da discussão.

do terceiro milênio até o décimo primeiro século aproximadamente, não pode nem ligeiramente ser identificado como os antepassados de Israel!

O termo " 'apiru/hapiru", qualquer que seja a sua derivação (e isso é uma questão pendente),⁵⁸ parece que se refere originalmente não a uma unidade étnica, mas a um estrato da sociedade. Isso se pode concluir não somente de sua vasta distribuição geográfica, mas também do fato de que seus nomes, quando são conhecidos, não pertencem a nenhuma unidade linguística e variam, sob este aspecto, de região para região. Homens de várias raças e de várias línguas poderiam ser 'apiru. O termo denotava claramente uma classe de pessoas sem cidadania, que viviam à margem da estrutura social existente, sem raízes ou lugar fixo. Levando às vezes uma existência seminômade, vivendo em paz ou fazendo incursões, quando se ofereceu a ocasião, se estabeleceram nas cidades. Em tempo de guerra, eles poderiam servir na guerra por soldo (como nas cartas de Amarna), como tropas irregulares, por qualquer vantagem que pudessem alcançar, ou mesmo formar unidades regulares no exército. Ou poderiam também, levados pela necessidade, dispor de si como assalariados, ou até mesmo vender-se como escravos (como em Nuzi). No Egito foram recrutados em grande número para trabalhar nos vários projetos reais. Ocasionalmente, contudo, alguns deles — como José — se elevaram a altas posições.⁵⁹

Em vista disso, embora não possamos identificar os antepassados hebreus com os 'apiru (especificamente, não o podemos com os de Amarna), é legítimo pensar que eles pertenciam a esta classe. Assim é que os outros os viam. Assim é que eles se identificavam consigo mesmos, quando a ocasião se apresentava. Embora não os possamos distinguir, dificilmente se pode duvidar, como veremos mais abaixo, que entre os 'apiru que viviam em escravidão no Egito, sob Ramsés II, não se encontrassem filhos de Israel. É também interessante que os 'apiru, ao concluírem um pacto ou um tratado, às vezes juravam "pêlos deuses de 'apiru"⁶⁰ — uma expressão que é um paralelo perfeito com a expressão "o Deus dos hebreus" encontrada em Ex 3,18; 5,3; 7,16.

c. *Os Patriarcas e a história: Sumário.* Concluimos, portanto, que os patriarcas eram figuras históricas. Eles faziam parte da migração de clãs seminômades que levaram nova população à Palestina nos primeiros séculos

⁵⁸Albright, B/150/Ī, 163 (1961), pp. 36-54; CAH, 11:20 (1966), pp. 14-20, como outros antes dele deriva o termo da raiz, 'pr, e vê^a sua significação original como "os empoeirados"; justifica a sua tese afirmando que os hebreus ('Apiru) eram, originalmente, "ravaneiros de burros, os quais, quando não podiam mais viver do seu comércio, se voltavam para outras ocupações (incluindo a Pilhagem). Ele acredita que Abraão era um comerciante de caravanas.

⁵⁹Veja os textos babilônicos do século doze e do século onze: cf. Greenberg, *op. cit.*, pp. 53ss. Muito frequentes nos textos hititas: cf. Greenberg, *op. cit.*, pp. 51ss. Há também uma referência enigmática ao "deus Hapiru" ""ma lista assíria (e talvez em outra parte): para referências cf. Albright, BASOR, 81 (1941), p. 20; Greenberg, *op. cit.*, p. 55, para Werências.

⁶⁰Albright, B/150/Ī, 163 (1961), pp. 36-54; CAH, 11:20 (1966), pp. 14-20, como outros antes dele deriva o termo da raiz, 'pr, e vê^a sua significação original como "os empoeirados"; justifica a sua tese afirmando que os hebreus ('Apiru) eram, originalmente, "ravaneiros de burros, os quais, quando não podiam mais viver do seu comércio, se voltavam para outras ocupações (incluindo a Pilhagem). Ele acredita que Abraão era um comerciante de caravanas.

do segundo milênio a.C. Eram clãs iguais aos mencionados nos Textos das Execrações e em outros lugares. Muitos destes clãs estabeleceram-se onde puderam encontrar terra e organizaram-se em cidades-estados, segundo um padrão feudal. É provável que parte da aristocracia hicsa fosse recrutada da sua classe patrícia. Mas esse movimento de povos foi indiscutivelmente um movimento complexo que continuou durante um período muito longo. Esse movimento trouxe outros que não encontraram nenhum lugar na estrutura das cidades-estados emergentes. A maioria destes sem dúvida continuou por gerações sua vida seminômade e pastoral invadindo áreas não habitadas nas zonas montanhosas no sul, no centro e no Negueb, em busca de pastagens sazonais para seus rebanhos. Outros se estabeleceram e se tornaram pequenos fazendeiros e, em muitos casos, sem dúvida ficaram sob o domínio dos agressivos senhores das cidades. Ainda outros, sem terra e sem raízes, não encontraram nenhum lugar nas estruturas existentes e facilmente se tornaram criminosos e bandidos ('Apiru).

Já que esses povos — muitos dos quais contribuíram definitivamente para a linhagem de Israel — tinham vindo para a Palestina durante um longo período e de várias direções, somos alertados para o fato de que as origens de Israel são verdadeira e excessivamente complexas. Entretanto, não se pode impugnar, à luz da evidência, a tradição de que os antepassados de Israel tenham vindo da Mesopotâmia. Podemos presumir que entre os membros destes povos, embora nenhum texto contemporâneo se refira a eles, estavam um Abraão, um Isaac e um Jacó, chefes de clãs consideráveis, que colocavam suas origens na "planície de Aram", perto de Harã. Embora não possamos fixar qualquer dos patriarcas com precisão nesse período, é provável que o primeiro dos antepassados de Israel tenha vindo à Palestina no início da Idade do Bronze média (ou mais cedo?), sendo seguido por outros durante o curso do tempo. É também provável que muito tempo bem antes do final da Idade do Bronze antiga a maioria dos componentes de Israel fossem encontrados lá, muitos deles ocupando o que seria suas áreas tribais nos tempos históricos. Provavelmente no período hicsa, alguns de seu clã (por exemplo, José) foram para o Egito. E depois, impelidos pelas dificuldades dos tempos, outros seguiram o seu exemplo, e lá acabaram sendo escravos do Estado.

3. A religião dos Patriarcas

Mas não podemos satisfazer-nos apenas com demonstrar que os patriarcas foram indivíduos históricos do segundo milênio a.C. Devemos indagar o seu lugar na história da religião, especificamente da religião de Israel. É

sobretudo aqui que se encontra nosso interesse particular por eles. Fora disso, eles não nos interessariam mais do que quaisquer outros semi-nômades obscuros que vagueavam pelo mundo em épocas remotas. A Bíblia considera Moisés o fundador da religião de Israel, e realmente ele o foi. Mas ela também começa a história de Israel e de sua fé com Abraão. Com efeito, a história da redenção, que é o tema central de ambos os Testamentos, começa com ele. Sabemos que Abraão partiu de Harã por ordem de seu Deus, tendo-lhe ele prometido terra e posteridade no lugar que lhe seria mostrado (Gn 12,1-3). Essa promessa, repetidas vezes renovada (Gn 15,5.13-16; 18,18ss etc.) e selada por aliança (Gn 15,7-12.17-21ss etc.), foi feita também a Isaac (Gn 26,2-4) e a Jacó (Gn 28,13-15; 35,11ss etc.) e a Moisés (Ex 3,6-8; 6,2-8 etc.) e começou a cumprir-se — embora não com um cumprimento completo — na doação da Terra Prometida. Visto deste ângulo, Abraão aparece como o primeiro antepassado da religião de Israel.

Mas será que isso está inteiramente de acordo com os fatos, ou é apenas uma projeção para trás de uma crença posterior, como os estudiosos mais antigos supunham? Embora não possamos nem por um momento minimizar os problemas inerentes ao assunto, a resposta deve ser que a religião dos patriarcas como é descrita no Gênesis não envolve nenhum anacronismo, mas representa um fenômeno histórico.⁶¹

a. *A natureza do problema.* Não é fácil deduzir a natureza da religião patriarcal da narrativa do Gênesis. De acordo com uma das correntes (J), o Deus dos patriarcas não era outro senão lahweh. Ele não só chamou Abraão de Harã (Gn 12,1) e manteve diálogo com todos os patriarcas, mas também era adorado pêlos homens, desde o alvorecer dos tempos (Gn 4,26). Mas noutra lugar (Ex 6,2ss) afirma-se explicitamente que, embora tenha sido lahweh que apareceu aos patriarcas, ele não lhes era conhecido por esse nome. Outras versões da narrativa (E e P) evitam, por isso, e com muito cuidado, mencionar lahweh até chegarem a Moisés e falam da divindade patriarcal simplesmente como "Deus" (Elohim). Mas todos concordam que os patriarcas adoravam a Deus, sob vários nomes: El Shaddai (Ex 6,3; Gn 17,1; 43,14 etc.); El 'Elyon (Gn 14,18-24); El 'Olam (Gn 21, •^S); El Ro'i (Gn 16,13; cf. lahweh Yir'eh, Gn 22,14); El Bethel (Gn 31,13; 35,7).

Veja especialmente A. Alt, "The God of the Fathers", *Essays on Old Testament History and Religion*, 1929 (Trad. ingl.: Blackwell, Oxford, 1966, pp. 1-77); mais recentemente, F. M. Cross, *HTR*, LV (1962), pp. 225-259, e especialmente *Canaanite and Hebrew W. Cap.* |; também Albright, *FSAC*, pp. 236-249; R. de Vaux, "El et Baal, l'ê dieu des pères et Yahweh", *Ugaritica*, VI, Libr. Paul "euthner, Paris, 1969, pp. 502-517. Para a história da discussão, cf. H. Weidmann, *D/e Patriarchen un ihre Religion im Licht der Wchung seit Julius Weilhausen*, FRLANT, 94 (1968).

Ora, teologicamente falando, não há nenhuma contradição real nisso. Todas as narrativas patriarcais foram escritas do ponto de vista de uma teologia javística por homens que adoravam lahweh. Quer mencionassem seu nome ou não, eles não tinham a menor dúvida de que o Deus dos patriarcas era realmente lahweh. Deus de Israel, a quem os patriarcas, consciente ou inconscientemente, adoravam. Entretanto, não podemos atribuir a fé de Israel posterior aos patriarcas. Embora possa parecer teologicamente legítimo agir deste modo, não é historicamente preciso afirmar que o Deus dos patriarcas era lahweh. O Javismo começou com Moisés, como a Bíblia afirma explicitamente (Ex 6,2ss), e como toda a evidência o confirma. Quaisquer que sejam as origens da adoração de lahweh, não se pode encontrar nenhum traço desta adoração antes de Moisés. Não podemos, portanto, atribuir aos patriarcas um Javismo normativo, nem mesmo um Javismo primitivo.

Por outro lado, está completamente errado rejeitar como anacrônico o que a Bíblia nos pinta da religião patriarcal. Os antigos exegetas costumavam fazê-lo. Achando pouco valor histórico nas tradições patriarcais como tais, eles consideravam a forma da promessa e da aliança destas tradições como uma projeção retroativa de uma fé posterior, e procuravam entender a religião dos antepassados de Israel à luz de características pré-javísticas que sobreviveram no Israel contemporâneo, ou à luz das crenças e práticas dos árabes pré-islâmicos. A religião dos antepassados hebreus era geralmente descrita como uma forma de animismo, especificamente, polidemonismo. Mas isso é totalmente errado. Além de ser questionável o método aplicado, há dúvidas, à luz de tudo o que conhecemos agora, sobre esse tipo de religião ter existido no antigo Oriente nos tempos históricos — exceto *talvez* (os deuses das montanhas eram adorados até os tempos que podemos alcançar) na forma de sobrevivências em declínio da Idade da Pedra. Realmente, as religiões do segundo milênio não oferecem nada semelhante.

A descrição da religião patriarcal deve ser examinada, como o fizemos com relação às tradições, como um todo, à luz do que conhecemos da religião dos começos do segundo milênio, especificamente, à luz dos elementos semíticos do noroeste, dos quais se originam os antepassados de Israel. A evidência, embora não tão perfeita como era de desejar, é contudo considerável. Ela nos permite ver que a religião patriarcal era de um tipo característico, muito diferente das religiões pagãs da Mesopotâmia e, *a fortiori*, do culto da fertilidade de Canaã — e muito afastada do polidemonismo dos manuais. A descrição que dela nos oferece o Génesis, apesar de suas características anacrônicas, não é certamente uma projeção retroativa do Javismo posterior.

b. O *Deus dos Patriarcas*. Na narrativa do Génesis cada patriarca é representado adorando o seu Deus por livre e pessoal escolha e entregando-se depois, a este seu Deus. Esta característica não implica nenhum anacronismo. Provam-no especialmente certas invocações arcaicas da divindade encontradas nas narrativas, que indicam um vínculo pessoal íntimo entre o pai do clã e o seu Deus. São estas as principais invocações: o Deus de Abraão (*'elohē 'abraham*: por exemplo, Gn 28,13; 31,42.53);⁶² o Temor de Isaac (*pahad Yisshaq*: Gn 31,42.53);⁶³ e o Poderoso de Jacó (*'abir Ya'qob*: Gn 49,24). Deus era a divindade padroeira do clã. Temos um exemplo claríssimo disto em Gn 31,36-55, em que no versículo 53 Jacó jurou pelo Poderoso de Isaac, e Labão jurou pelo Deus de Nacor: isto é, cada um jurou pelo Deus do clã de seu pai. Os paralelos aduzidos das sociedades aramaicas e árabes dos primeiros séculos do Cristianismo,⁶⁴ e também dos textos capadóciolos e de outros documentos da idade patriarcal e posteriores,⁶⁵ nos dão quase a certeza de que o estabelecimento de uma relação pessoal e contratual entre o chefe do clã e o deus do clã represente um fenómeno difundido e antigo entre os nómades semíticos.⁶⁶ A descrição da aliança patriarcal parece, sob este ponto de vista, da maior autenticidade. Haja vista a aliança do Sinai. Podemos acrescentar ainda que o modismo peculiar "cortar uma aliança" (por exemplo, Gn 15,18), frequentemente encontrado nas narrativas, é comum em textos de Qatna do décimo quinto século, aproximadamente.⁶⁷

Outra ilustração da relação pessoal entre o indivíduo e a divindade padroeira temo-la em certos nomes correntes tanto em Israel primitivo como entre seus vizinhos semíticos do noroeste. Especialmente informativa é uma classe de nomes compostos com *'ab* (pai), *'ah* (irmão) e *'amm* (povo, família). A Bíblia oferece uma relação enorme de nomes dessa espécie. E como eles são muitíssimo comuns até mais ou menos o décimo século e muito raros depois desta época, pertencem claramente a um tipo antigo.⁶⁸ Nomes do mesmo

"Alguns sugerem que o nome era propriamente o "Escudo de Abraão" (d. Gn 15,1); p. ex., J. P. Hyatt, *VT*, V (1955), p. 130; outros (F. M. Cross seguindo M. Dahood) preferem "O Benfeitor de Abraão" (d. *Canaanite and Hebrew Epic*, p. 4).

°A sugestão de Albright (*FSAC*, p. 248) de que *pahad* significa "homem sábio" tem sido largamente aceita: mas ela é contestada por D. R. Hillers (*IBi*, XCI, 1972, pp. 90-92, que argumenta que "temor" (no sentido de "objeto de adoração") é para ser retido.

"Segundo Alt, cuja obra citada na nota 61 é fundamental para nossa discussão.

"Especialmente J. Lewy, "Lestextes paléo-assyriens et l'Ancien Testament", *RHR*, CX (1934), pp. 29-65. Embora Alt não aceite os paralelos de Lewy, eles parecem ser válidos: veja agora Cross, *ibid*, pp. 9-11. Os deuses patriarcais não eram *mmorgenii* anónimos.

"Na antiga Suméria o homem comum, sem dúvida porque sentia que os deuses das montanhas eram remotos e inacessíveis, situavam um deus pessoal, geralmente uma figura menor do panteão, que poderia velar pelos seus interesses; d. T. Jacobsen, in H. Frankfort, *et al.*, *The Intellectual Adventure of Ancient Man*, The University of Chicago Press, 1946, pp. 202-204. Talvez os deuses da família patriarcal representassem uma concepção paralela entre os "amoritas": d. G. E. Wright, *Interpretation*, XVI (1962), pp. 4-6.

"Cf. Albright, *BASOR*, 121 (1951), pp. 21ss. Sobre a terminologia e a prática da aliança no antigo mundo semítico, cf. Cross, *ibid* pp. 265-273.

"Por exemplo. Abiram, Ahiram, Eliab, Abimelech, Ahimelech, Abiezer, Ahiezer, Abinoam, Ahinoam, Ammiel, Ammihur, Ammishaddai. E os exemplos poderiam multiplicar-se facilmente.

tipo são profusamente documentados entre os elementos amoritas da população na Idade patriarcal, e podemos presumir que eles eram característicos.⁶⁹ Uma vez que a maior parte dos nomes semíticos têm significação teológica, e sendo os elementos *'ab*, *'ah* e *'amm* permutáveis com o nome da divindade (por exemplo, Abiezer-Eliezer, Abimelec-Elimelec, Abiram-Jehoram), tais nomes têm importância para elucidar a fé. Assim, por exemplo, Abiram/Ahram significa "Meu (Divino) Pai/Irmão é Exaltado"; Abiezer/ Ahiezer, "Meu (Divino) Pai/Irmão é uma Ajuda (para mim)"; Eliab, "Meu Deus é um Pai (para mim)"; Abimelec/Ahimelec, "Meu (Divino) Pai/Irmão é (meu) Rei"; Ammiel, "(O Deus de) meu Povo é Deus (para mim)" etc. Esses nomes ilustram maravilhosamente o senso profundo de parentesco entre o clã e a divindade do nómade antigo: o Deus era o chefe invisível da casa; seus membros, es membros de sua família.

Outros nomes, pessoais ou divinos, são igualmente instrutivos. Estes nomes dão a maior evidência de que os antepassados hebreus adoravam a Deus sob o nome de "El". Não somente temos nomes como Ismael (Que El [Deus] ouça), Jacob-el (assim em vários textos: "Que El [Deus] proteja"), mas há os nomes divinos já mencionados: El Shaddai, El 'Elyon, El 'Olam, El Ro'i etc. E uma vez que estes últimos geralmente ocorrem em conexão com antigos santuários (por exemplo, El 'Olam com Betsabéia [Gn 21,33], El 'Elyon com Jerusalém [Gn 14,17-24]), e uma vez que muitos deles são atestados em textos antigos como títulos de divindade, temos certeza de que eles são de origem pré-israelita. Podemos supor que, quando os antepassados hebreus deslocaram-se para a Palestina, as divindades de seus clãs — quaisquer que tenham sido seus nomes — em virtude de características comuns, começaram a ser identificados com o "El" que era adorado localmente sob estes nomes.⁷⁰ Infelizmente, nenhum deles nos permite identificar a divindade em causa com absoluta certeza. Por um lado, "El" é o nome do deus principal do panteão canaanita (embora logo rebaixado dessa posição no pensamento canaanita pelo deus da tempestade, Ba'al-Hadad) do qual, podemos deduzir, os vários *'elim* não passavam de manifestações. Por outro lado, como "El" é também uma palavra semítica para "deus", ela pode muito bem ser empregada como uma palavra vicária de algum outro nome divino. E assim não podemos presumir sem critério que estes nomes devem ne-

⁶⁹Por exemplo, reis de Babilónia I, tais como Hamurabi, Ammi-saduqa, Ammi-ditana, Abieshuh; príncipes de Biblos tais como Yantin-'ammu. Abi-shemu. São numerosos os paralelos em Mari (veja as obras de Noth e Hufimom citadas na nota 18) e nos Textos das Execrações (Albright, *BA50R*, 83, [1941], p. 34) e alhures.

⁷⁰Sobre este parágrafo veja especialmente o artigo de Cross citado na nota 58. Outras discussões incluem: O. Eissfeldt, *Eland Yahweh*, JSS, 1 (1956), pp. 25-37; M. Haran. *The Religion of the Patriarchis*, ASTI, IV (1965), pp. 30-55; R. deVaux, *op.cit.*, (na nota 61).

cessariamente referir-se ao deus-pai El. Mas como *'ôlam* parece claramente ter sido um título de El, que é também conhecido nos textos como "criador" (como é El 'Elyon em Gn 14,18-20), é provável que os patriarcas adoraram suas divindades ancestrais em identificação com El. Isso é ainda mais corroborado por um título como *'el 'elohê yisra'el* em Gn 33,20 (cf. também Gn 46,3), que tem a sua tradução natural "El, o Deus de Israel" (isto é, de Jacó). Por outro lado, Shaddai, que parece significar "A Montanha" (isto é, uma das Montanhas Cósmicas), e que é o mais frequente dos nomes,⁷¹ não ocorre evidentemente nos textos como uma invocação de El e, além disso, não está ligado na narrativa do Génesis com nenhum santuário específico. Pode muito bem ter sido o título de uma divindade patriarcal antiga de origem amorita, introduzida na Palestina pelos próprios antepassados hebreus, e aí identificada com El (que está também associada com a montanha cósmica) e adorada como El Shaddai.⁷² De qualquer modo, as divindades patriarcais não eram meras divindades locais, porque esses nomes atestam uma fé em um Deus altíssimo, onipotente e que vela pelos interesses de seu povo. El, 'Olam, 'Elyon, e Shaddai eram sempre considerados em Israel mais recente como nomes ou títulos convenientes a lahweh — assim como não o era enfaticamente Baal.

c. *A natureza da religião patriarcal.* Embora seja impossível descrever a religião dos patriarcas em seus pormenores, em virtude das falhas de nosso conhecimento nesse campo, ela era claramente do tipo comum da religião da época. Em relação a quaisquer experiências religiosas pessoais que os patriarcas possam ter tido, não podemos naturalmente acrescentar nada ao que a Bíblia nos diz. Que os antepassados de Israel tenham sido antes pagãos é não só uma certeza *a priori*, mas também a própria Bíblia o afirma (Js 24,2.14). Podemos apenas conjecturar que deuses eles tenham adorado — embora em vista da tradição de Ur-Harã (ambas as cidades, como notamos acima, centros do culto da Lua) e certos antropônimos como "Terá", "Labão" etc., possamos supor que a família de Abraão tenha antes sido adepta de Sin. Mas não podemos saber e, em todo caso, seria arriscado generalizar, tão diversas eram as raízes dos vários componentes do Israel de hoje. Tampouco sabemos que experiência espiritual levou Abraão a dar ouvidos à voz do "novo" Deus que lhe falou e, rejeitando os cultos de seus progenitores, sair, à ordem deste

É um elemento que aparece frequentemente nos antigos antropônimos, por exemplo, Shaddai-'or. Shaddai-'ammi. 'Ammi-'addai; cf. também nomes com Sur(rocha, montanha): Pedasur, Elisur etc. Sobre Shaddai veja Albright, *IBi*, LIV (1935), pp. 180-1 "j Cross, *ibid.*, pp. 52-60.

Cross considera isso uma possibilidade (*ibid*) e L. R. Bailey o defende tenazmente (*IBL*, LXXXVII [1968], pp. 434-438), que ^{enclona} o *bei jade* mencionado nos textos antigos babilônicos como um deus principal dos amoritas. Veja também, .1. Ouellette, •".1-XXXVIKTOI.pp^Oss.

Deus, para uma terra estranha. Sem dúvida que entraram em jogo fatores económicos, mas, em vista da natureza pessoal da religião patriarcal, podemos estar certos de que houve no caso uma experiência religiosa. A migração patriarcal foi condicionada ao tempo, mas, num sentido bem real, foi um ato de fé.⁷³

De qualquer modo, quaisquer que tenham sido suas experiências pessoais, cada patriarca afirmava que o Deus que lhe tinha falado era o seu Deus pessoal e o patrono de seu clã. O quadro do Génesis, de um relacionamento pessoal entre o indivíduo e seu Deus, fundamentado por uma promessa e selado por uma aliança, é da maior autenticidade. A fé na promessa divina parece, de fato, representar o elemento original da fé dos antepassados seminômades de Israel.⁷⁴ A promessa, tal como é descrita no capítulo quinze do Génesis e nos seguintes, era primariamente uma promessa de posseção de terra e de numerosa descendência. E era exatamente isso que mais desejavam os seminômades. Se os patriarcas seguiam o seu Deus, se eles acreditavam que ele lhes tinha prometido alguma coisa (e certamente eles devem ter acreditado, doutro modo não o teriam seguido), então terra e posteridade, podemo-lo supor, eram a essência da promessa. Tampouco a descrição da aliança (isto é, a relação contratual entre o adorador e Deus) é anacrónica. E dificilmente se pode toma-la como um reflexo da aliança do Sinai, como se fez muitas vezes, porque existem diferenças sensíveis entre as duas. Não resta dúvida de que ambas são descritas como iniciativas da divindade. Mas, ao passo que a aliança do Sinai era baseada num ato de graça já realizado e anunciado em cláusulas precisas, a aliança patriarcal se baseava somente na promessa divina e exigia do adorador somente a sua confiança (por exemplo, Gn 15,6).⁷⁵

A religião patriarcal era assim uma religião de clã, na qual o clã era realmente a família do Deus patrono. Embora possamos supor que dentro do clã o Deus patrono fosse adorado acima de todos os outros deuses, quando não com exclusão de todos eles, seria errado chamar a este tipo de religião monoteísmo. Também não sabemos se a religião dos patriarcas era uma religião sem imagens. A religião de Labão com certeza não o era (Gn 31,17-35). Entretanto, ela não se parecia nem com as religiões politeístas oficiais da Mesopotâmia nem com o culto da fertilidade de Canaã, de cujas orgias não

"W. Eichrodt, *Religionsgeschichte Israels*, Francke Verlag, Berna, 1969, p. 10, refere-se a esta migração como uma Hégira. "Veja especialmente, Alt, *op. dt.*, pp. 45-66. Cf. M. Noth, *VT*, Vil, (1 957), pp. 430-433, criticando J. Hoftijzer, *Die Verheimung an die drei Erzväter*, E. J. Brill, Leiden, 1956, que discorda; também R. E. Clements, *Abraham and David*, SCM Press, Londres, 1967, pp. 23-34. "Cf. especialmente G. E. Mendenhall, *BA*, XVII, 1954, pp. 26-46, 50-76 (reimpressão, *BA Reader3*, 1970, pp. 3-53, sobre o padrão da aliança em Israel. M. Weinfeld (*JAÓS*, 90, 1970, pp. 184-203) veja paralelos entre a aliança patriarcal (e davídica) e a "subvenção real" na qual o senhor da terra promete a um vassalo fiel terra e uma dinastia duradoura; d. Também J. D. Levinson, *CBQ*, XXXVIII, 1976, pp. 511-514.

há nenhum vestígio na narrativa do Génesis. Podemos até supor que essas últimas orgias repugnavam a nómades simples como Abraão, Isaac e Jacó. De qualquer modo, é interessante que entre todos os nomes divinos compostos com "El" nestas histórias, não se encontra nenhum nome composto com "Baal". É também possível que a história do quase sacrifício de Isaac (Gn 22), qualquer que seja a lição que ele pretenda ensinar no presente contexto, reflete a convicção de Israel — convicção certamente correia — de que seus antepassados nunca condescenderam com a prática do sacrifício humano vigente entre seus vizinhos. O culto cbs patriarcas é descrito como excessivamente simples, como devia ser. O centro deste culto era o sacrifício animal, como entre todos os semitas. Mas esse sacrifício era consumado sem um clero organizado, em qualquer lugar, pela mão do próprio chefe do clã. Quando os patriarcas entraram na Palestina,, tiveram contacto com diversos santuários: Siquém, Betei, Bersabéia etc. Nesses santuários, eles, sem dúvida, praticaram seu culto e o perpetuaram, identificando-os com os cultos já existentes nesses lugares. Todavia, o culto patriarcal nunca foi um culto local, mas sempre o culto da divindade ancestral do clã.

d. *Os patriarcas e a fé de Israel.* Quando os clãs patriarcais passaram para dentro do sangue de Israel, e quando os seus cultos foram absorvidos pelo culto prestado a lahweh — procedimento que é teologicamente muito legítimo — não podemos duvidar de que a estrutura e a fé de Israel tenham tomado, em virtude disso, uma feição mais profunda. Já sugerimos que a tradição legal de Israel deve ter-lhe sido transmitida pêlos seus próprios antepassados seminômades, muitos dos quais tinham-se estabelecido na Palestina, desde os começos do segundo milénio, e não por uma mediação estritamente canaanita. O mesmo se pode dizer verdadeiramente de suas tradições de antiguidade primitiva, para não falar das tradições das próprias migrações ancestrais, que, formadas no espírito do Javismo, tornaram-se o veículo de sua teologia da história. Acima de tudo, havia na herança de Israel um sentimento de solidariedade tribal, de solidariedade entre o povo e Deus, que deve ter contribuído mais do que podemos supor para este senso intensamente forte de "povo", tão característico de Israel em todos os tempos.

Além disso, a ideia de promessa e aliança estava arraigada na mente israelita. Podemos supor que, quando certos elementos, que mais tarde deviam incorporar-se a Israel, estabeleceram-se na Palestina e começaram a mul-Uplicar-se, a promessa da terra e da posteridade era considerada por eles como cumprida. Os cultos ancestrais, agora realizados em santuários locais, ganharam com isso um prestígio enorme. Entretanto, outros elementos, que

também deviam mais tarde incorporar-se a Israel, não se estabeleceram tão cedo, mas continuaram sua existência seminômade. Outros elementos ainda — o verdadeiro núcleo do Israel mais recente — foram para o Egito. A promessa inerente ao seu tipo de religião permaneceu, portanto, sem cumprimento. E uma vez que não se cumpriu nenhuma promessa até a invasão da Palestina sob a égide do Javismo, a fé normativa dos hebreus — com justificação — considerava este último acontecimento como o cumprimento da promessa feita aos primeiros pais. Mesmo então, a noção de uma aliança fundamentada pelas promessas incondicionais de Deus continuava a existir, em todo o tempo e em todas as circunstâncias, na mente dos hebreus, poderosamente formando a esperança nacional, como veremos.

Devemos pôr um ponto final a esta nossa discussão. Embora continuem ainda muitos hiatos, já se disse o bastante para estabelecer a confiança de que o quadro dos patriarcas apresentado pela Bíblia está profundamente fundamentado na história. Abraão, Isaac e Jacó permanecem, no mais verdadeiro sentido, no começo da história e da religião de Israel. Eles não representam apenas aquele movimento que trouxe os membros de Israel para a Palestina; também suas crenças peculiares ajudaram a dar forma à religião de Israel, como ela devia ser mais tarde.⁷⁶ Com eles, ainda, começou a busca incessante do cumprimento da promessa, a qual, embora realizada pela posse da terra e da posteridade, não podia ser satisfeita só com esses dons, mas, como um dedo apontando através de todo o Antigo Testamento, devia conduzir à cidade "da qual Deus é arquiteto e construtor" (Hb 11,10). Abraão começou muito mais do que pensava começar. Não é, portanto, sem sólida razão histórica que os cristãos e os judeus o consideram como o pai de toda a fé (Gn 15,6; Rm 4,3; Hb 11,8-10)